

Dissimilitudes entre a linguagem científica e a literária

Helio Begliomini

Ainda que redigidas no mesmo vernáculo, há inegavelmente diferenças marcantes entre a expressão escrita da ciência e da literatura artística. Embora haja algumas modalidades na comunicação científica, tais como artigo original, artigo de revisão, nota prévia, relato de caso, editorial, comentário editorial, carta... a maneira de redigi-las obedece a critérios pouco flexíveis, advindos do cartesianismo que moldou as bases da ciência hodierna.

René Descartes (1596–1650) era filósofo, matemático e físico francês. Propunha a primazia da razão e do método na avaliação de um problema como garantias da obtenção da verdade. Descartes ficou também imortalizado no célebre aforismo “*cogito ergo sum*” ou “penso, logo existo”. Humildemente não concordamos cabalmente com ele neste particular, em virtude de querer atrelar o existir, *lato sensu*, com o pensar. Entretanto, dele derivou a metodização científica, que não deixa de ser a bitola do cientista. A linguagem dessa normatização se caracteriza por ser clara, objetiva, racional, monótona, sistemática, pouco criativa, pouco variável, pouco autor-influente e parcialmente estatístico-dependente.

Se o cientista deve ter criatividade na idealização e na consecução do seu projeto, não tem a mesma sorte na redação de seus dados, pois suas habilidades literárias são tolhidas pela sistematização da ciência.

A redação de um artigo científico obedece a normas rígidas e assemelha-se *pari passu* a uma receita de bolo. Em outras palavras, a linguagem científica é literariamente pobre.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”, provérbio da escritora Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, mais conhecida como Cora Coralina (1889–1985), assim como outros milhares, não se enquadraria na confecção de um texto científico.

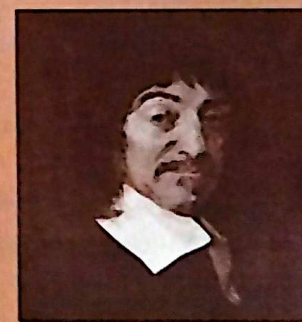
A expressão literária caracteriza-se por ser livre e aberta, albergando uma ampla variedade de gêneros, quer em prosa, quer em poesia, tais como crônica, ensaio, biografia, conto, fábula, romance, novela, aforismo, provérbio, carta... soneto, versos livres, acróstico, quadra, sextilha, haicai, limerique, poetrix... etc.

O cinzelamento de uma peça literária contém, entre outros condimentos, a criatividade, a versatilidade, a dinâmica, a vivacidade, a dependência, com o seu autor podendo expressar-se de modo conciso ou prolixo, racional ou sentimental, explícito ou subentendido, admitindo figuras de linguagem, gírias e prescindindo da estatística. Em outras palavras, pode-se dizer que a linguagem literária é artisticamente rica.

Como dizia Monteiro Lobato (1882–1948) “um país se faz com homens e livros” e, neste contexto, deve-se abarcar a riqueza multiforme da expressão artístico-literária, assim como o patrimônio e o lastro da pesquisa científica, independentemente de sua área de atuação.

Helio Begliomini

é assistente do Serviço de Urologia do Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo (HSPE) e urologista do Instituto de Medicina Humanae Vitae (Imuvi)



Uma recordação de amor

Gladstone F. Machado

Em 1943, a pequena e simpática cidade de Natal sediava uma importante base aérea, Parnamirim, adaptada e desenvolvida pelos norte-americanos e que desde 1942, servia de escala para os aviões usados no transporte de tropas e patrulhamento, em plena segunda Grande Guerra. Àquela época, os aviões não possuíam autonomia suficiente para longos percursos. Era intenso o movimento aéreo, com centenas de vôos diários.

Após várias *démarches*, o Brasil cederia a base de Natal e outras, ditas de apoio, como Val de Cans, em Belém, Recife, Fernando de Noronha e Fortaleza, após entrar oficialmente em guerra, em agosto de 1942.

Nossa história teve lugar em Fortaleza, à época uma cidade ainda provinciana, com aproximadamente 200.000 habitantes, sem a gigantesca infra-estrutura do turismo atual, com seus mais de 2 milhões de pessoas.

A permanência de norte-americanos na cidade trouxe mudanças nos costumes, notadamente no plano social, com a música, a dança, a Coca-cola, as gírias, havendo um inusitado interesse pelo aprendizado da língua inglesa.

Aconteceu que uma jovem e um tenente norte-americano, que trabalhava em terra, apaixonaram-se. Ela, bela, morena, de corpo escultural, olhos verdes como os mares bravios de sua terra, no vigor e na pujança de seus 18 anos. Estudante, tinha noções elementares de inglês, o suficiente para manter aquele namoro, que se iniciara num piquenique na praia de Meireles, quando foram convidados alguns oficiais americanos. A partir daí, cinemas, festas no Clube dos Diários ou no Ideal, nosso casal sempre acompanhado de irmãos dela, condição imposta pelos pais.

Começou a nascer daquela amizade um amor intenso, cheio de ternura, al-

ternando-se com os pródromos da paixão, enlevando os dois jovens, entre olhares penetrantes e ardorosos, um amor tropical, abrasador como o próprio clima tórrido de sua terra. A família redobrou o policiamento.

Após quatro meses, numa tarde quente de mormaço, veio um recado dele, por telefone, informando que partiria na madrugada seguinte, não poderia despedir-se pessoalmente, estava de prontidão. Não fora uma surpresa total, pois muitas vezes ele falara desta possibilidade, aliás era sua missão.

Em muitas conversas, limitadas pela falta de fluência na linguagem, contavam fatos de suas vidas e ele disse ter nascido em Nova York, no Brooklin, falara de sua família, de quando entrara na Academia Militar, sua convocação para a guerra, meses depois que os Estados Unidos entraram no conflito, após Pearl Harbor. Evitavam falar do futuro, pois a presença aterradora da guerra sempre os assustara.

Mas, uma noite, abraçados e olhando o imenso céu estrelado, que ele sempre achara de uma beleza encantadora, sentiram ambos aquele arrepio rápido, repetitivo, que dizem ser presságio de fatalidades. Combinaram que ele voltaria após a guerra, se casariam e iriam morar em Nova York, se algo de terrível não acontecesse. Ela calou suas palavras com um beijo oportuno e apaixonado.

As colegas e os amigos sempre advertiam que ela estava se envolvendo demais, levando um simples flerte muito a sério, pois a realidade é que ele iria para a guerra, iria embora e não viam futuro para eles.

Após sua partida, ela nunca recebeu uma carta, nenhuma notícia. De uma maneira muito vaga veio a saber que provavelmente ele e muitos outros teriam

sido designados para o *front* no norte da África, incorporando-se às tropas inglesas que combatiam o avanço dos alemães em direção ao Egito.

Ela jamais o esqueceu. Com o tempo, acabada a guerra, desiludida e certa de que o pior acontecera, casou-se com um rapaz de Fortaleza, um casamento sem expectativas e de pouco amor. Ele era metódico, um tanto pessimista, bebia além da conta. Não tiveram filhos, acabaram se separando, coisa pouco comum àquela época. Afinal, um marido que não deixara saudades.

Ela progrediu profissionalmente, transferiu-se para São Paulo, tinha uma razoável situação financeira. Após a aposentadoria, teve condições de viajar, esteve várias vezes na Europa, também no Oriente Médio.

Um dia resolveu ir aos Estados Unidos, coisa que sempre relutara. Já estava com 80 anos, lúcida ainda, locomovendo-se a contento, tinha disposição. Iniciou a viagem por Nova York, contratou um guia de turismo e, após visitar as atrações da imensa e excitante cidade, seus museus, lojas, teatros, quis ir ao Brooklin, demorando-se no parque junto à ponte famosa. Sentou-se num banco do jardim, reviu e recordou vividamente aquele grande e passageiro amor que tanto lhe marcara. Quando as lágrimas rolaram por sua face envelhecida de anciã, turvando seus olhos ainda verdes, o rapaz, seu guia, sem entender o que acontecera, acordou-a daquele sonho. Ela ainda pensou em contar para ele o seu romance, suas recordações, mas desistiu. Afinal, tudo aquilo pertencia somente a ela, não dividiria com ninguém. Enxugou a face e pediu para voltar ao hotel.

Gladstone F. Machado
é especialista em Cirurgia Torácica
pela SBCT e cronista

Alois Alzheimer e Rita Hayworth, um a desgraça do outro

Guido Arturo Palomba

Alois Alzheimer (1864–1915) era um grande neurologista alemão que, como os médicos dizemos, sabia tudo de Neurologia, e descreveu, em 1907, uma doença gravíssima, que se inicia ao redor da pré-senilidade (dos 45 aos 60 anos), raramente na senilidade, é degenerativa, mata as células cerebrais, diminui o tamanho do cérebro, e o doente fica parecendo paciente bem idoso, que sofre de arteriosclerose cerebral: perda da memória, desorientação, perda da iniciativa etc. Ou seja, um indivíduo ainda novo (dos 45 aos 60) e com sintomas de doente com 80 anos ou mais. (De caminho, envelhecer não é adoecer, mas existem doenças próprias da velhice, como da infância e da adultícia.)

Poucos sabiam, até 1970/1980, o que era doença de Alzheimer, como hoje, em 2004, poucos sabem o que é doença de Pick (Arnold Pick, 1851–1924), descrita na mesma época da outra e com semelhantes características: paciente de meia idade (45/60 anos) e parecendo sofrer de arteriosclerose cerebral, que pode dar nos idosos. A diferença entre a doença de Pick e a de Alzheimer é sutil, mas existe, tanto nos sinais e sintomas clínicos quanto nos exames macroscópicos e microscópicos.

co do cérebro, cujas diferenças não vem ao caso aqui expor.

O que é preciso enfatizar é que, embora as de Pick e Alzheimer tenham sido doenças descritas no início do século XX, somente da de Alzheimer se fala, e isso começou mais de 70 anos depois de descoberta. E ainda existe mais outra doença semelhante a essas duas, descrita em 1920/1921, chamada pelo nome de seus descobridores, Jacob-Creutzfeldt, tão desconhecida quanto as de Pick e Alzheimer, a última até os anos 1970.

A popularização do nome “doença de Alzheimer” começa com a grande atriz Rita Hayworth (1918–1987), famosa no cinema. Rita, com 48 anos, já apresentava alguns manifestos sintomas de perda de memória, que se agravaram rápido. Repetia as mesmas coisas, deprimida e apática, os médicos não sabiam qual o seu mal. Parecia uma senhora doente e idosa, ainda que com pouca idade, até que deram o diagnóstico correto: estava com doença de Alzheimer.

A partir de então, nos Estados Unidos, começou um modismo entre os médicos: se vissem um paciente com perda de memória, com sintomas de velhice patológica, fosse qual fosse a idade (e as manifestações clínicas paralelas sutis que todas as doenças engendram), era o

quanto bastava para o paciente receber diagnóstico de doença de Alzheimer. E, assim, passaram a sofrer desse mal: Ronald Reagan, Charlton Heston, Elizabeth Taylor, Boris Yeltsin, Frank Sinatra... e até os *boxers* “Sugar” Ray Robinson e Muhammad Ali, em vez de padecerem de demência senil, alcoolismo crônico, arteriosclerose cerebral, mutitraumatismo craneioencefálico.

Ao darmos, erradamente, o diagnóstico de Alzheimer a figuras ilustres da mídia, proporcionamos a essa material para veicular o erro à tripa forra, que vai sendo rapidamente assimilado pelas pessoas em geral, a ponto de crianças sem instrução falarem “minha avó está com Alzheimer”. É o triunfo da ignorância. Mas tem tratamento. Uma boa maneira de remediar é, em vez de doença de Alzheimer, usar doença *tipo* Alzheimer. A primeira diz respeito à descrita por Alois Alzheimer; a segunda, corresponde às patologias que a ela se assemelham.

Alois Alzheimer e Rita Hayworth se tocaram um dia, quando a linda atriz foi acometida pelo mal que Alzheimer descrevera. Essa foi a sua desgraça pessoal, o que vale dizer, a desgraça de Rita foi Alzheimer. E, por outro lado, a desdita de Alzheimer foi Rita, que, famosa, fez Alzheimer virar alzheimer.

Quanto a Arnold Pick, Jacob e Creutzfeldt continuam com maiúscula, só que cada vez mais esquecidos, nem sequer lembrados como hipóteses.

No entanto, as esperanças não estão a esmorecer, porque, no Brasil há grandes avanços na Medicina, por exemplo, na genética, com a Vitória, nata recentemente, e grandes vitórias que os cirurgiões, os clínicos, os cardiologistas, os pediatras, os plásticos e tantos outros especialistas, dia após dia, obtêm.

Na Psiquiatria é que se observam alguns sintomas patológicos. Mas com certeza não é doença de Alzheimer nem arteriosclerose cerebral: só uma gripe, que demora um pouco mais, um pouco menos, tem o seu ciclo e passa.

Guido Arturo Palomba
é Psiquiatra Forense

De parto a infarto

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

Existem vários tipos de médicos e várias maneiras de ver a Medicina. Para muitos, Medicina é essencialmente uma arte, com tinturas de ciência; para outros, é Biologia aplicada à espécie humana. O que não é científico, residual, tende a desaparecer à medida que estudamos e investigamos cada vez mais. Para um colega do doutor, no entanto, a consciência da profissão era outra: a arte de tirar o máximo proveito possível combinada à ciência de enganar o próximo.

O Hércules – este era o nome da falecida criatura – passou os seis anos de faculdade dedicando-se seriamente ao mister de comentador de futebol, apreciador além de degustador de cervejas ou batidas, aproveitador das noites paulistanas e explorador das meninas que as freqüentam. Vez ou outra, quando estava estourando em faltas, aparecia numa e noutras aulas, para surpresa dos professores que pouco o conheciam. Um deles chegou a indagar:

– Quem é o senhor?

– Ora, professor, eu sou o Hércules, número 45.

– E eu que achava que o 45 não tinha sido preenchido, pois nosso inteligente secretário da faculdade cometera engano, passando do 44 para o 46.

– Pois é, professor, sou eu mesmo.

– Prazer em conhecê-lo, senhor Hércules.

– O prazer é todo meu, professor.

E este papo iria longe, não fosse o distinto mestre tê-lo encerrado assim:

– Meu caro, espero vê-lo mais vezes antes do exame.

Desnecessário dizer que esta expectativa não se concretizou. Mas o Hércules formou-se direitinho com o resto da turma, demonstrando na prática o

que todo mundo conta para o estudante de Medicina que acabou de passar no vestibular:

– Agora você só não se forma se matar um colega ou um professor. Paciente pode matar à vontade e provavelmente vai matar mesmo.

Durante o curso o Hércules diverteu-se muito, mas tudo o que é bom não dura para sempre e um belo dia está o Hércules com diploma na mão, sem residência – ele nem tentou fazer o teste inicial porque desconfiou que não ia se dar bem – e prestes a cair na vida. O pai do Hércules, que bem conhecia a peça, tinha avisado:

– Agora que o senhor está formado, tenho a impressão de que vai ficar com vergonha de continuar recebendo mesada.

O Hércules bem que tentou dizer que não, que não tinha nada contra, que não tinha nenhuma espécie de vergonha e, se tivesse, não seria esta.

Enfim, o Hércules resolveu que precisaria trabalhar, na falta de outra circunstancial alternativa. Mas fazer o quê?

A idéia inicial foi partir para obstetrícia, por algumas razões. Noventa e nove por cento dos partos desenrolam-se muito bem desde que não se atrapalhe a natureza, e cesárea, cirurgia muito fácil, tanto que muitos fazem e em geral não erram muito, resolve quase todo o resto. Um ou outro ureter ligado de vez em quando e algumas ocasionais incursões perto da aorta, que felizmente fica muito longe do campo, comumente figuram como compreensíveis acidentes. Os grandes galhos são com o recém-nascido e para isto tem pediatra na sala, até para ouvir umas broncas – para receptor de broncas eles são ótimos e não reclamam porque quem manda na sala é o obstetra.

O Hércules deu-se relativamente bem com a especialidade. Que tem outra vantagem: pouco mudou desde os tempos dos ilustres parteiros franceses que deram o nome a quase todas as cirurgias do ramo. Isto libera parte dos praticantes de tão nobre arte do dever compulsivo que quase todos os médicos têm – ler, ler, ler mais, estudar e aprender sempre porque, decorridos dois anos, metade da instrução renova-se, descobrindo-se que metade do que era sabido não passava de bobagem.

Durante alguns anos o Hércules sobreviveu na selva obstétrica. Como, ainda por cima, o Hércules sofria de insônia crônica, o pior aspecto da obstetrícia, ou seja, acordar fora de hora, não atrapalhava muito. O problema é que não foi só o Hércules que descobriu esta boca na Medicina. Vários colegas seus, também não entusiastas de estudos e leituras, houveram por bem desabar na mesma praia e o mercado de trabalho ficou muito cheio de gente, muito competitivo, muito complicado.

O Hércules percebeu um diferencial e lançou-se a fazer o que ele chamava de parto humanizado. Em vez de executá-lo em sala cirúrgica clássica, realizava em sala cirúrgica maquiada, com música, poucas luzes e muitas baboseiras, destinadas a atenuar o terrível trauma de parto – segundo os psicólogos freudianos esse é o maior da vida: o ser sai do útero materno onde tudo tinha e constata que vai ter de se virar sozinho cá fora. Com certeza, todo mundo tem vontade enorme de voltar para o lugar no qual estava, se tal fosse possível. O duro era escolher a música. Algumas pacientes queriam ouvir Vivaldi, que para o Hércules era adequada para elevar, e outras um rock lascado, o que

provavelmente piora muito o trauma – imagine sair do útero, onde o som que se ouve é o do coração materno e cair do lado de fora dando com o Sepultura a todo vapor. Isto deve gerar expressivas neuroses ou psicoses e daria um bom tema de tese para psiquiatras.

O citado parto humanizado foi sucedido nas listas das inovações obstétricas pelo parto em banheira, com a mulher imersa em uma piscina, o obstetra trabalhando de *snorkel* ou máscara e a criança literalmente vindo à tona depois – esta moda, entretanto, não pegou, para desgosto do Hércules que era bom de natação na faculdade e tinha ajudado a ganhar uma importante competição.

Passaram-se alguns anos e o Hércules, apesar da lábia, começou a perder espaço profissional. Apareceram muitos colegas com mais papo, mais sedutores com as clientes, mais ondeiros – alguns até se deram bem em ramos diversos. O Hércules, fazendo as contas no fim do mês, percebeu que suas despesas subiam e as entradas não. A esta altura, o Hércules já havia casado (a senhora Hércules incidentalmente nunca perguntou a ele quanto ele ganhava – ela ia gastando...) e tido dois filhos, que agora estavam em escola paga e cara. O Hércules perguntava-se para que manter os dois na tal escola, já que eles haviam puxado o pai, eram dois vagaus de dar gosto, exatamente como ele conseguiam à custa de cola ou de outros truques passar de ano e, assim, o Hércules estava vendo que iriam repetir a sua carreira com o tempo.

O Hércules raciocinou, pensou e bolou uma solução. Por que restringir-se à obstetrícia? Ia fazer clínica. Cirurgias outras não, que pelo menos este tipo de autocrítica ele tinha. Mas clínica não tem problema, pois a de consultório não requer grandes urgências, dando sempre para estudar o caso melhor. Existe até aquela famosa piada do grupo de médicos que vai caçar patos: um cirurgião, um clínico, um anestesista e um patolo-

gista. Na manhã do dia da caça eles encontraram-se e, na hora da partida, o anestesista sugere:

– Vamos adiar a caçada? Hoje o dia não está bom, vai chover e os colegas fizeram hemograma e eletrocardiograma ontem?

Os demais não lhe dão bola e chegam à beira do lago onde deveriam estar os patos. Aí o clínico vê uma revoada de pássaros e raciocina:

– São plumípedes alados de bom tamanho, mas serão mesmo patos? O diagnóstico diferencial inclui marrecos, abetardas e avoantes, só para falar dos mais comuns. Acho que dá para excluir avestruz e emas, que não voam.

O cirurgião, sem nenhum tipo de flexão, atira e derruba um pássaro.

Os amigos reúnem-se em volta do pássaro atirado e o cirurgião pergunta:

– Isto é um pato? Vamos lá, patologista, você que está acostumado a dar o diagnóstico final, diga-nos.

O patologista coça a cabeça:

– Pode ser pato, mas poderia também ser urubu albino, uma raridade que ocorre, e tem até um relato recente no *New England Journal of Medicine*; no entanto, com este tiro que esfaqueou o espécime, sou obrigado a dizer que o material é insuficiente para fundamentar um diagnóstico. Preciso de outro.

Moral da história: se alguém é clínico ou patologista sempre dá para reavaliar, reestudar e recozinhar diagnósticos e condutas. O Hércules freqüentava um hospital-escola. Por incrível que pareça, o Hércules havia cavado uma vaga de assistente na obstetrícia, para garantir uns reais e uma aposentadoria integral. O professor de obstetrícia não queria nenhuma concorrência no seu quintal e reconheceu no Hércules um colega que jamais iria fazer-lhe um pingo de sombra, o que é um excelente critério para contratação de instrutores de ensino e auxiliares em determinada universidade. Temos muitos assim, que, aliás, engrossaram a famosa lista dos impro-

ditivos, a tal só divulgada duas vezes, e segundo as más línguas depois ficou impossível divulgá-la, a menos que ocupasse todas as páginas de um jornal de bom corpo, tipo *Estadão*. Em freqüentando o hospital, o Hércules sabia que se o dinheiro era pouco ali tinham lugar outras vantagens, uma das quais era funcionar como uma cooperativa de saber. Quem não sabia alguma coisa conhecia a quem perguntar e todos se ajudavam. Evidentemente alguns davam muito, outros mais ou menos e o Hércules muito pouco, pois o que daria o pobre se pouco sabia? Como ninguém fazia a contabilidade de quem fornecia mais ou menos, o Hércules corretamente tinha certeza de poder sugar os colegas sem nenhum tipo de problema.

A vítima predileta do Hércules era o Mateus, um excelente clínico e muito boagente, dos que não se importavam com consultas de corredor. Ele já estava acostumado às proezas do Hércules, que não tinha a menor vergonha de reconhecer:

– Mateus, eu até pensei em mandar este caso para o teu consultório, mas é um particular e você sabe como a espécie está ficando rara. É um fazendeiro, dono de não sei quantos milhares de hectares de soja, preciso aproveitar porque sabe-se lá quando vem o próximo.

E tome exame clínico – a que Mateus fazia ressalvas, pois o Hércules era um desses políincompetentes múltiplos, incapaz de palpar um fígado menor que 4 centímetros ou um baço mais molinho e de reconhecer um sopro sistólico de um diastólico. Como dizia ele, tudo é barulho.

Com a ajuda de alguns colegas, especialmente do Mateus, o Hércules conseguia pagar as contas da Isabel, sua amantíssima esposa, que não dava a menor bola para crises econômicas, planos idem, subida do dólar e estas coisas de menor importância. A Isabel era constante – sempre gastava a mesma coisa, e muito. A função hercúlea do Hércules era arrumar a devida verba.

Um belo dia o Hércules acordou cansado, com um cansaço que não era habitual, muito mais que o que estava acostumado a ter quando disputava uma acirrada partida de tênis. Logo depois notou um curioso desconforto no epigástrico, que acabou virando dor, quase uma cólica, de maneira estranha passando para o pescoço e para os dois punhos. O Hércules nunca foi bom de diagnóstico, nunca pôde dizer que tinha habilidades de internista e não conseguiu relacionar todas estas ocorrências, ou seja, foi direto ao Mateus. O Mateus naquele dia estava lembrando os tempos de faculdade, como ele tentou cantar a Isabel, um mulherão e tanto – e ainda conservava parte dos seus encantos. E como a Isabel tinha resolvido escolher um colega mais atlético, mais extrovertido e, com a típica incapacidade feminina de ver além do exterior, resolveu casar com aquela avantesma.

O Mateus encontrara a Isabel há uma semana, casualmente, na rua. Os dois foram tomar um café, bater um papo e ela confessou que não demonstrou muita certeza de ter escolhido bem, mas agora, casada e com dois filhos, o que poderia fazer? Ela percebera uma certa superficialidade, uma falta de espiritualidade. O Hércules interessava-se por mulher e futebol, nesta ordem; porém por muito pouco mais.

Despediram-se, Isabel e Mateus, com castos beijos nas bochechas e aquela curiosa sensação que todos que reviram antigos namorados ou namoradas ficam: se eu tivesse... o que teria acontecido? Seria melhor? Seria pior? Valeria a pena?

Estava o Mateus entretido com seus pensamentos e aparece logo quem: o Hércules. O Hércules, que não só havia comido a Isabel como outras meninas nas quais o Mateus pusera o olho. O Hércules, que jamais abria um livro de Medicina e, provavelmente, nenhum outro que não fosse de sacanagem. O Hércules, aquele chato sem-vergonha que não hesitava em pedir auxílio, depois nem agradecia – e ainda com generosidade concedia:

– Mateus, se quiser, pode usar este caso numa discussão com os alunos, não tem problema. Olha como eu ajudo você com material didático.

– Só faltava cobrar em dinheiro.

Quando o Hércules encontrou o Mateus, não teve dúvidas:

– Velho, estou com um caso esquisito, não tenho a menor idéia de por onde começar. É um paciente com dor que ele descreve como epigástrica, com irradiação para o pescoço e os dois punhos. A dor acompanha uma sensação muito desagradável de opressão, como diz ele, e isto acontece depois de alguns dias nos quais o doente tem enorme astenia. Qualquer coisa o cansa, ele sente-se exausto, exaurido, incapaz de fazer uma atividade.

– Essa dor é constante?

– Não, ela chega a melhorar e quase passar, mas permanece, irritante, e com momentos em que parece que vai amassar o tórax.

– E esse cansaço, começou quando?

– Uns dois dias antes da dor e não há motivo para existir, pois o paciente não fez nenhum esforço físico diferente nos últimos dias a não ser participar de algumas partidas de tênis.

O Hércules estava um pouco ofegante quando falava e o Mateus, sem perceber conscientemente, começou o processo de raciocínio, perguntando-se se vale a pena estudar, trabalhar e tudo o mais, quando um vagabundo como o Hércules consegue fazer clínica explorando os outros, o que é muito mais fácil. De que valem anos de esforço, horas e horas de biblioteca, folheação de revistas ou, agora, horas de ficar na PubMed ou outros engenhos de busca de coisas médicas?

Pode ser que valham. Contudo, o Mateus ficou muito bravo e o papo com a Isabel sucedera exatamente uma semana atrás, vindo então o bandido do Hércules pedir socorro. E logo para ele...

O Mateus perguntou:

– Qual a idade do seu doente? Ele é diabético ou obeso? Ele fuma?

– Sim quanto às três últimas questões e ele está com 50 anos.

– Qual a profissão dele?

– A nossa. Médico, corre um bocadinho na vida.

O Mateus desconfiou seriamente que o Hércules estava falando em causa própria e sutilmente perguntou:

– A tua dor já passou completamente?

– Sim só ficou um dolorimento leve e quando eu subo uma escada a dor ameaça aparecer, sumindo logo.

– E esse cansaço, explica melhor para mim o que você sente.

– Homem, não sei, estou exausto, eu, que sempre ando bem disposto, não sei direito o que é isto.

O Mateus, certo de que o paciente estava na sua frente, sugeriu:

– Hércules, é um típico caso de alergia. Pega uma ampola de adrenalina e injeta um terço no subcutâneo, como se faz para asma, a cada meia hora, até gastar duas ampolas, que o resultado vai ser excelente, o paciente vai sentir-se no outro mundo.

Deve haver pouca coisa mais contraindicada para quem acabou de ter um infarto que este tipo de tratamento. O Mateus acertou, o Hércules não só sentiu-se no outro lado do mundo como para lá foi no dia seguinte.

Dizem as más línguas que a Isabel poderia ter esperado um pouco antes de juntar-se ao Mateus, que tinha fama de solteirão impenitente e de ter talvez, como dizer, outra orientação sexual que não a ortodoxa. Mas isto não é verdade – e a Isabel engravidou dele aos 40 anos. Incidentalmente o Hércules deixou alguma grana. O Mateus não só disciplinou os dois malandros do Hércules, que agora estudam, como conseguiu controlar os gastos da Isabel, que por amor ficou até, quem diria, uma senhora econômica.

**Vicente Amato Neto
e Jacyr Pasternak**

*são médicos e professores
universitários*

Carta a um embaixador especial

Arary da Cruz Tiriba

Retrocedamos dez anos. Tudo corria para que aquele domingo, 1º de maio de 1994, fosse só festa. Mas a pista de Ímola, Itália, seria palco da derradeira largada de Ayrton Senna, largada bem diversa das anteriores, por quê? Porque tendo começado lá longe, igual a tantas, terminou aqui, junto de nós, de forma singular: *one position*, avanço vagaroso, silencioso – sem-ronco, o motor – e, reta final... carinho, sim, mas com a desolação acrescida do pranto popular.

Os médicos, os cirurgiões, os soldados do fogo e outros profissionais que se concentram a fundo no seu mister, frequentemente, deixam transparecer a frieza emocional. Seriam insensíveis?... À ocasião da tragédia de Ayrton Senna, anotei reações dos colegas. O reputado clínico, Prof. Longo, comovido, narrou como atendera o adolescente Ayrton, quando mordido por cachorro. Drº Bedaque e os demais clínicos do pronto-socorro não interromperam o trabalho de emergência, silenciaram, ligados ao noticiário. Dr. Burdmann acorreu ao velório na Assembléia Legislativa paulista – o voluntário – para prestar assistência aos que passavam mal na multidão.

Até os operadores de vôo, da torre do aeroporto, momentaneamente, permaneceram contemplativos. Para Ferreira, motorista do caminhão dos soldados do fogo que levou o corpo de Ayrton de Cubica àquela Assembléia, foi a projeção marcante da sua vida.

A composição homenagem, postumamente, o líder do automobilismo, campeão-maior de cidadania e brasilidade! Ao mesmo tempo, demonstra como profissionais do caráter acima assinalado emocionam-se, sofrem, choram juntos... O A., por exemplo, não conteve as lágrimas ao assistir pela TV ao cortejo funerário, do Aeroporto Internacional de Guarulhos à capital de São Paulo; em sua missiva, traveste-se na abajxo-assinada: a tribo brasileira.

São Paulo, 4 de maio de 1994

Encontro marcado ao alvorecer?!... estranhável, pois que na terra – seja na das palmeiras ou na das cerejeiras – compareceste, invariavelmente, às tardes encaloradas. Primeira a chegar, aguardei-te ansiosa, coração aos saltos, pressentindo a comunicação grave. Portanto, ao te divisar, não exultei. Respeitei teu fitar sem brilho, fixado a distância, ignorante da amada. Calados, mas solidários, empreendemos a lenta marcha pela margem, tieteana, agitada por lenços brancos e flâmulas, as verde-amarelas. Senti fria tua mão e baixe a cabeça, ocultando lágrimas a rolar, deste rio das bandeiras para outra corrente, semelhante ao mar, para o rio de prata, para o oceano, até que o astro-rei as transforme nos filós alvos do azul do céu.

Constituí a paisagem antropocêntrica: o uniformizado, de gala, de macacão; o negro, o branco; o residente da avenida, o morador de rua; o opulento, o mísero; o ancião, o efebo; o fervoroso, o agnóstico; mães e filhotes; escolares e operários; favelados e condôminos; povo, povo, povo...

Eu, de olhar pregado ao chão, vislumbrei nas sombras mornas, alongadas, projetadas no formoso – então melancólico – Ibirapuera, os perfis inconfundíveis dos teus queridos – Milton e Dª Neide, Viviane e Leonardo – sucumbidos, porém, nobres!

Interpretei, por inteiro, tua fala muda: D-E-S-P-E-D-I-D-A. Não te bastava a glória terrena. Aventura maior te desafiava e, determinado, não recuarias; partirias, portando a mesma gálea mágica que, na velocidade do relâmpago, te transfigurava, de operário a esportista, engenheiro, diplomata, soldado, porta-bandeira, no vitorioso, 'inda agorinha, chefe de estado! O capacete que apertavas contra o peito completava a curta mensagem: S-E-M R-E-G-R-E-S-S-O...

...abro-te meu coração, sabes da minha origem; que integro esta grei, pobre e iletrada. Contudo, nunca me rejeitaste; ao contrário, senti-me a depositária da tua lealdade e de teu profundo amor. Pois não tenho vergonha de te confidenciar. Sozinha, não sou autora, única, destas linhas. Muitos dos que te reverenciaram – dos que te aguardaram na Avenida Rebouças, Avenida Brasil, Morumbi – milhares!... auxiliaram-me nos rabiscos. Cada um contribuiu com a letrinha, tal pétala da flor silvestre, selada com lágrima, acenando-te: a-d-e-u-s!

Ayrton: *amigo é coisa para se guardar dentro do peito*, mas fulgurarás entre estrelas, juntinho do Cruzeiro-do-Sul.

Também fiel, sempre, *Brasileira*

Arary da Cruz Tiriba
é professor titular aposentado,
em atuação voluntária, da disciplina
Doenças Infecciosas e Parasitárias,
do Departamento de Medicina
da Unifesp/EPM



Circo mambembe

Paulo Bomfim

Quanta coisa pode acontecer em torno de um picadeiro! Isso ocorreu há mais de 70 anos. Era bem pequeno, mas guardei fatos e detalhes com nitidez.

Circo mambembe se instalara no Largo do Arouche, junto aos bebedouros verdes que davam de beber a sede de cavalos e de burros.

Sob a lona remendada, entre palhaços envelhecidos e amazonas que engordavam, a molecada aguardava inquieta o início da apresentação.

Acompanhado de meu pai eu ia registrando, no deslumbramento de meus 6 anos, os lances do espetáculo.

Súbito, uma voz falimiliar soa na arquibancada:

– Porcaria de circo, não tem nem pessoal!

Era tia Alice, irmã de minha bisavó Leôncia, protestando.

O lutador de luta romana abre o desfile dos astros. Apenas a pele de leão velho cobre os músculos que clamam pela ação. Em pé, no meio do picadeiro, lança desafio à platéia:

– Quem teria coragem de enfrentá-lo?

O silêncio desce do trapézio balouçante e envolve o respeitável público.

No meio do povo ouve-se uma voz:

– Eu aceito o desafio.

O arrepio percorre nossos nervos infantis.

Um vizinho da Rua Rego Freitas, o cirurgião Antônio Cândido Camargo, salta para a arena despindo o paletó e arrancando a camisa.

Os dois gigantes se entreolham e principia o combate.

Alguns minutos mais tarde, o Camargão deitava por terra o desafiante. Com a careca e a bigodeira molhados de suor, o marido de D. Clementina se retira sob os aplausos do bairro.

Depois dos palhaços e dos equilibristas, entra em cena o atirador de facas que, gentilmente, pergunta ao público se alguém teria coragem de se submeter a uma prova de pontaria.

Um moço se levanta dirigindo-se para a arena.

Magro, alto, elegante, com o rosto coberto de sardas, nosso primo José Pinto Alves, o “Tico-Tico”, encosta o corpo na tábua e de braços abertos exclama:

– Pode começar.

As facas vão sendo atiradas formando na madeira a silhueta daquele que se tornou o herói de minha meninice.

Quando a última faca foi fincada, ouve-se um grito na platéia:

– É meu sobrinho, é meu sobrinho que está sendo assassinado!

Tia Alice, em sua miopia, reconheceu o “Tico-Tico” e ameaçava desmaiar.

A banda desafinadamente irrompe num dobrado.

O circo mambembe cobre-se de glória.

Ânsia de Viver

Afiz Sadi

Quando sopram no espaço
as entidades famélicas
serene a dor no coração.

Moucos aos maldosos opróbrios,
vagarão menosprezados
na agonia de viver.

Urdindo fadário mortal,
exalam o fôlego vital,
arquejando, e, no entanto,
o sopro da vida evolva-se.

Sempre lábil é a língua,
solícita e defensiva,
ferina, sempre agressiva.

Mas, florida é a juventude.

O perdão é insinuante.
O rosto as lágrimas tisnam.

As entidades no espaço
serenam a dor miocárdica,
evoluam-se, prolongando
mais o tempo para a vida.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinematoteca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira